

# SIMPLICIDADE E LIBERDADE DE SER: A EXPRESSÃO POÉTICA DE VALDELICE PINHEIRO<sup>1</sup>

Mari Guimarães Sousa<sup>2</sup>

**RESUMO:** A poesia de Valdelice Pinheiro<sup>3</sup> nasce a partir de sua singular capacidade de transmutar-se em reflexões onde a simplicidade do existir filia-se a uma integração com a natureza, que denota a busca incessante da essência do ser e da liberdade. Busca que converge sempre para a totalidade do ser, do homem integral.

**Palavras chave:** poetisa itabunense; poesia brasileira

*...ecoa dentro de mim o grito de mim....  
...saudade da plenitude original  
Valdelice Pinheiro*

*Não quero simplesmente fazer poesia; eu quero ser poeta [...] como Francisco [de Assis] e Firmino [Rocha] foram – poetas no gesto diário de viver<sup>4</sup>. Assim se auto definia Valdelice Soares Pinheiro (1929 – 1993), a saudosa poetisa e filósofa baiana de Itabuna, cidade da Região Sul da Bahia. Filha caçula e única mulher entre os seis filhos do casal Vital Alves e Mariana Soares Pinheiro, a poetisa passou sua infância numa fazenda, onde juntamente com os pais e os irmãos trabalhavam na roça, vivendo um estilo e um sentido de vida em que os animais, as árvores e o chão eram fundamentais. Daí, considerar-se primitiva, pois sempre se sentiu una com a natureza, com o seu mundo silvestre, com o silêncio do campo, em meio aos seus bichos de estimação: cachorros, gatos, passarinhos e galinhas. Um*

---

<sup>1</sup> Artigo revisto e ampliado. Anteriormente apresentado e publicado com o título *A Expressão Poética de Valdelice Pinheiro em Resgate - Simplicidade: Liberdade de Ser*, no VIII Seminário Nacional: Mulher e Literatura, Anais, Instituto de Letras e Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher, na Universidade Federal da Bahia - Salvador, BA, 2000.

<sup>2</sup> Pós-graduanda do Curso de Especialização em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa e mestranda em Cultura & Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC e Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail marikersul@hotmail.com.

<sup>3</sup> A poetisa e filósofa itabunense Valdelice Soares Pinheiro (1929 – 1993) deixou-nos a maior parte de sua obra inédita. O estudo da *vivência* da poetisa e a *experiência* (Gumbrecht, 1979) expressa em seus textos alicerçaram o trabalho de resgate desempenhado pelo Projeto de Pesquisa: **Obra Poética de Valdelice Pinheiro** (1996 – 2000), sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes Netto Simões do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, com o objetivo de reunir os inéditos, que resultou na edição de *A Expressão Poética de Valdelice Pinheiro*, Editus, 2002.

<sup>4</sup> Sempre que ocorrer uma citação sem referência trata-se de texto inédito da autora em estudo.

ser extremamente sensível que aprendeu desde cedo a amar e respeitar a natureza em todas as suas manifestações.

No período da década de 20, a Região Sul da Bahia viveu seu apogeu econômico em virtude da cultura do cacau. Os “frutos de ouro” tão cobiçados geraram grandes lutas entre os imigrantes, conhecidos como desbravadores, eles travaram verdadeiras batalhas entre si na disputa de ficar com a melhor terra. E é, justamente, nessa região, historicamente denominada de “Terra dos Coronéis”, que a poetisa viveu sua infância, sempre em contato com a terra, daí caracterizar-se telúrica pela busca incessante de integrar-se à natureza: *tenho impressões vegetais na pele de meus dedos e minha memória vem de raízes e de seivas límpidas do subchão, onde a vida não retrocede*. Os pássaros, os rios, as árvores, a simplicidade do existir aliado à ânsia de liberdade e o amor e a harmonia entre os homens, constituem temáticas constantes em sua poesia. Tais aspectos de sua *vivência* tornar-se-ão *experiência* em seus textos poéticos e filosóficos (Gumbrecht, 1979).

A vida, em todos os seus aspectos, constitui a substância da qual se utiliza Valdelice Pinheiro em fazer poesia. Sua sensibilidade se exprime pela invulgar capacidade que possui em observar as mínimas coisas, recolher e combinar sabiamente as palavras, doando sentidos diversos. Talvez por isso, declare-se como uma artista-filósofa-poetisa, *um ser que tem um compromisso congênito com a Verdade e a com Liberdade*. Sua aspiração é fazer com que o homem retome a consciência de sua condição humana, a qual denomina como *tragédia cósmica de saber-se existência* ou ainda *microcosmo em busca do infinito, transcendendo-se ... para um dia ser em Deus*.

Sua ânsia é voltar-se a si mesma em busca de aprofundamento, *como uma raiz buscando a seiva*, cada vez mais em sua própria essência, em seu próprio espírito, sua individualidade. O intuito é retomar a inocência do homem primitivo, isto é, retornar à condição do homem puro, integral. *...Ah, retomar a inocência, aquele amor que a gente crê nos anjos e nas pessoas, a gente mesma cheia de asas!*

A poetisa almeja reedificar o mundo através de seus poemas, pois *a poesia é esse poder anti burguês* que tem como compromisso despertar as pessoas para outras realidades, outras verdades. Que denuncia as mazelas sociais e, ao mesmo tempo, aponta caminhos. Incute esperança no homem já que *os poetas são pessoas muito lúcidas [...] que chegam a ser iluminados*”. A poesia, enquanto arte é *fundamentalmente contestadora* porque sempre manifesta um *inconformismo da mente querendo ordenar o caos*.

Na tentativa de encontrar a paz, a poetisa procura o silêncio. Na sua concepção, esse espaço não tem limite. Ao contrário, esse recolhimento é absolutamente necessário para que possa, dessa maneira, estar consigo mesma, reencontrar as *vias perdidas*, recompor as forças. Ao retomar seus verdadeiros anseios, em momento de introspecção, a poetisa reavalia o que lhe parece estar errado em relação ao mundo. É o silêncio que lhe possibilita refletir para melhor fecundar seus sonhos, pois *sonhar é voar para dentro, para depois criar e assim revelar-se* (Pinheiro, 1984:135).

Do ponto de vista metapoético, Valdelice Pinheiro adota também uma reflexão introspectiva sobre o sentido da escrita como obra de arte. Preocupa-se com o próprio ato de escrever: o ato de criar. Esse instante que propicia a gênese da criação depende muito da habilidade, da sensibilidade e dos sentimentos vigentes no poeta. Da capacidade de formar e doar sentidos que reencarnem e, conseqüentemente, provoquem efeitos, inquietação, no leitor. Não é o rebuscamento das palavras que melhor qualifica um poema. A luta pela transcendência da palavra se dá pela riqueza da combinação entre sentido e significado que as palavras almejam concretizar no poema. Em vista disso, a linguagem de Valdelice é simples, nascida da espontaneidade do cotidiano para que o povo possa senti-la. É preciso compreender as palavras. Conseqüentemente, não há preocupações com rebuscamentos, mas com a comunicabilidade dos poemas. O mais importante é que sua poesia seja *clara e sem mistérios*. Todavia, revela riqueza semântica, beleza, equilíbrio e *leveza* (Calvino, 1991) através do ritmo e das imagens suaves que apresentam como no poema um *Um borrão de cinza* (Pinheiro, 2002, p. 57)

*Um borrão de cinza  
sobre a folha em branco  
desenhou-se garça  
levantando vôo.  
De repente então,  
a estática liberdade da cinza  
criou vida  
no movimento da ave.  
E logo fêz-me em mim  
o tempo e a eternidade*

O que a autora denomina de processo *de Criação*, difere do que denomina processo de *Produção*, porque o artista (...) *pertence à categoria dos criadores* (e não dos

produtores). Valdelice descreve *criação* como sinônimo de *explosão*:... *coisas se passam pela minha cabeça...não, não é como se fossem sonhos ou desejos - passam rápidos como um relâmpago e explodem pela mão nestas coisas que digo ....* Paz (1996, p.53), revela que “o poema é histórico de duas maneiras: como *produto* social e como *criação* que transcende o histórico mas que, para ser efetivamente, necessita encarnar-se de novo na história e repetir-se entre os homens” [leia-se leitor], porque “o poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo [...] e que embora comungue com a sociedade, ele é na verdade um ser à parte, um heterodoxo por fatalidade congênita” (idem, p. 54).

É com simplicidade e lirismo que a poetisa manifesta sua integração à natureza. Expressa-a numa concepção em que a relação entre o homem e o mundo pode ser de perfeita harmonia. Como no poema, *...buscar-me* (Pinheiro, 2002, p.88)

*...buscar-me  
nas entranhas do pássaro,  
no sino  
da pedra sonora,  
nas patas perfeitas  
da suçuarana...  
encontrar-me  
no vôo,  
no som,  
no salto  
e compor meu silêncio.*

Valdelice tinha especial admiração pelos pássaros, que aqui interpretamos como símbolos vivos da liberdade. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1995), os gregos os consideravam como mensageiros do céu. No Taoísmo, aves representam leveza, liberação do peso terrestre. A angústia da poetisa, assim, se traduz: *...dá-me que eu possa sonhar que tenho asas, não asas de anjo (...), mas asas de passarinhos...* Mas sua inquietação não é vã... Surge então o poema: ***Receita para ganhar um passarinho***<sup>5</sup>

*Pegue mel  
água, sementes,  
um bom pedaço  
de mamão maduro,*

---

<sup>5</sup> Publicação avulsa

*uma goiaba,  
umas pitangas...  
Misture tudo  
até que pareça  
um santo óleo  
e unte nele,  
bastante,  
as suas mãos.  
Depois, como quem  
canta e reza,  
consagre o sorriso,  
diga bom dia  
ao passarinho preso  
e abra,  
toda,  
a porta da gaiola.*

Sob a perspectiva animista, no sentido de que todos os seres da natureza agem conforme uma finalidade, a idéia de liberdade assume aqui um caráter quase que contemplativo. Uma busca, uma vontade insopitável de ser livre em si mesma. Isso inclui racionalidade, autodeterminação, responsabilidade para consigo própria e com o outro.

Porém, os pássaros também representam os anjos... os estados superiores de ser. Constitui-se ainda a personalidade do sonhador. Paz (1996), descreve a experiência poética como a consagração do ser humano, que ocorre num dado momento em que a própria liberdade desdobra-se para alcançar algo, realizando o homem por aquele instante. Talvez por isso temos a sensação de que a palavra poética é de outro mundo. Pelo poder arrebatador que possui em nos conduzir para outras paisagens, outras realidades. Exercendo em nós um estado de encantamento. Transmutando a nossa visão de mundo.

Valdelice amava a natureza em todas as suas manifestações. Ao se dar conta de suas limitações físicas, ela ansiava por fundir-se misticamente à natureza. Esse pensamento harmoniza-se com seu conceito panteísta e filosófico de Deus: *Deus se manifesta em mim na medida do que eu sou como ente humano..* Essa constatação se realiza ao contemplar uma árvore como no poema: *A árvore e eu* (Pinheiro, 2002, p 113)

### *A árvore e eu*

*Que posso eu  
na vontade poderosa  
dessa árvore?  
Sou menor  
do que ela  
e meu destino é vago.  
Suas raízes se afundam  
e buscam o suco da vida  
nesse amor da terra  
meus pés são superficiais.  
Seus galhos  
se abraçam  
e são braços melhores  
de que meu pobre braço  
que ameaça,  
não dá sombra  
e, se abençoa,  
é na perspectiva factual  
de minhas simpatias.  
Eu tenho olhos,  
penso que sou clara,  
mas suas folhas  
vêm o âmago do chão  
e fazem a síntese da luz.*

Simbolicamente a árvore é um dos temas mais ricos e mais difundidos no mundo. Entre outras coisas representa o ciclo de evolução cósmica, pois encerra *vida*, *regeneração* (através do reflorescimento) e *morte*. É universalmente considerada, assim como os pássaros, o símbolo das relações entre o céu e a terra. Reúne todos os elementos que constituem o universo: água (seiva), terra (raízes), ar (folhas) e o fogo (atrito dos galhos): um ser completo. Para os muçulmanos xiitas a árvore simboliza a *hakikat*, isto é, “o estado de beatitude onde o místico, ao ultrapassar a dualidade das aparências, encontra a Realidade suprema, a Unidade original onde o ser coincide com Deus.” (1995, p. 85).

Para Valdelice a árvore é, antes de tudo, fonte de vida. Representa ainda equilíbrio, força, vigor, energia. Contemplar uma árvore deixa-a maravilhada. É como se a poetisa buscasse um ninho, um refúgio. O desejo irrepreensível de “entrar” na árvore acarreta uma sensação de aconchego e proteção, causando uma espécie de entorpecimento que culmina com um sentimento de paz concernente apenas às divindades. Como podemos observar no poema *Ecologia*<sup>6</sup>

***Ecologia***

*Eu queria dormir  
dentro  
das árvores  
e sonhar os seus sonhos,  
viver os seus amores.  
Eu queria morar  
dentro  
das árvores e viver a justiça  
de sua raízes.  
Eu queria morrer  
dentro  
das árvores  
e participar da glória  
de renascer no chão,  
como semente*

É preciso mencionar que sexualmente o simbolismo da árvore é ambivalente, isto é, a árvore oca e ainda a árvore frondosa evocam a imagem arquetípica da *mãe fértil* (o ninho). Ao passo que o tronco erguido diz respeito ao *falo*, imagem arquetípica do *pai* (1995, p.88).

É a partir de uma visão de interdependência das coisas que Valdelice argumenta, através de seus poemas, que o homem necessita voltar à sua totalidade, à sua condição primitiva, de ser simples e puro. Juntar os pedaços e encontrar-se no todo. Sua *crença no eu maior a integra na consciência cósmica*, e através dela se dá o *crescimento do seu ser no ser*. É preciso resistir ao caos em que se tornou a vida do homem moderno. Desse homem que se

---

<sup>6</sup> Pinheiro, Valdelice. “Ecologia”. In Padilha, Telmo. *Poesia Moderna da Região do Cacau*. Civilização Brasileira, 1977, p.134

encontra atordado, assustado. Que vive num mundo de aparências que o sufoca e que, por estar voltado somente para o ter, se afastou das suas origens. Perdido em sua vaidade, o homem desnaturalizou-se, esqueceu-se de si mesmo e optou por viver a superficialidade das coisas. Ao contrário, a poetisa deseja as profundidades das coisas, buscar e dizer a verdade, *e a verdade é sempre o que precisa ser revelado, desvelado, libertado, como o David saindo da pedra...* (Pinheiro, 1984, p. 134). É necessário, portanto, retomar o caminho original em busca da própria essência pois *chegar ao ser é o ato fundamental da vida, porque no mistério e na perfeição do ser estão todos os anseios da própria NATUREZA* (Pinheiro, 1973, p.2) [grifo nosso]. Por conseguinte, a poesia faz o homem regressar ao seu estado primordial, à essência do ser, unidade vivente de pessoa e mundo.

Na perspectiva intimista, permanece sempre a ânsia pela liberdade. Numa linha voltada para si mesma e para a reflexão existencial. Busca que converge sempre para a totalidade do ser, do homem integral, livre, consciente... como no minúsculo poema ***Dentro do ovo*** (Pinheiro, 2000, p. 105)

*Dentro do ovo*  
o vôo.

Denominado poema-minuto ou poema-pílula (característico do Modernismo), constitui-se num poema *rápido, consistente, múltiplo* (Calvino, 1991). Além de registrar capacidade singular de sintetizar uma idéia, estabelece um testamento poético-filosófico de que vigora no homem ânsia pela liberdade. “O ovo é uma realidade primordial que contém em germe a multiplicidade dos seres” (Chevalier e Gheerbrant, 1995, p. 672). A poetisa reinventa a realidade para resistir à dor da existência terrestre, pois o corpo pesa e a impede de voar. Voar para se unir a toda essa transcendência que aspira o poeta. É a partir da capacidade de transmutar-se em reflexões sobre a existência das coisas que brotam os poemas de Valdelice.

Foi a partir da constatação da substância literária presente na obra poética de Valdelice Pinheiro, que o mencionado projeto buscou resgatar a produção inédita dessa poetisa que pouco publicou em vida. Tal procedimento oportunizou a publicação de um trabalho de grande beleza poética: *Expressão Poética de Valdelice Pinheiro*, publicado pela Edítus (Editora da Uesc), em agosto de 2000.

O que torna a obra de Valdelice tão singular é, justamente a capacidade que tem a poetisa-filósofa em falar de coisas profundas através de uma linguagem simples, metafórica. Suas temáticas giram, em sua maior parte, em torno dos elementos da natureza, a busca de paz, amor, harmonia entre os homens, as questões filosóficas do ser e da simplicidade do existir, de poder se manifestar. O resultado é o de uma poesia enxuta, rápida, lírica, consistente, como diria Calvino (1991). Como se não bastasse, sua poesia é também visual: grande parte de seus poemas vêm acompanhados de desenhos temáticos feitos pela própria poetisa. O que o torna excepcional no cenário da Literatura Brasileira. É surpreendente!

Poesia do sensível e do equilíbrio, para Valdelice Pinheiro poesia e filosofia não se distinguem, ao contrário, se interpenetram. Reafirmam com grande beleza espiritual a busca incessante da essência do ser. Sua arte não é uma fuga, mas uma forma de colocar seus sentimentos, seus valores, suas crenças, sua visão de mundo.

**ABSTRACT:** The poetess and philosopher Valdelice Soares Pinheiro (1929 –1993) was born in Itabuna (Bahia – Brazil), leave us great of part of her production unpublished. The study of her biography and her experience expressed in her texts supply the recover work presently achieved by the research project named *Obra Poética de Valdelice Pinheiro* aiming a publication of a critical edition. Valdelice’s poetry presents equilibrium and sensibility through a simple language but with consistency and communicative way. It work indicates worry about the being human essence and his integration to the nature. To Valdelice Pinheiro Poetry and Philosophy interpenetrate each other to express liberty and the simplicity of the existence.

**KEY WORDS:** itabunense poetess; Brazilian poetry

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio:** lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Schwarcz, 1991. 141 p.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (Org.). Tradução de Vera da Costa e Silva et al. **Dicionário de Símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. 996 p.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Sobre os Interesses Cognitivos, Terminologia Básica e Métodos de uma Ciência da Literatura Fundada na Teoria da Ação. In: LIMA, Luiz Costa (Ed) **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 174-186

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. 3 edição. São Paulo: Martins fontes, 1998. 243 p.

PAZ, Otávio. A Consagração do Instante. In: \_\_\_\_\_ . **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 51-62

PINHEIRO, Valdelice. **De dentro de mim**. Itabuna, edição particular,1961, p. 80

\_\_\_\_\_. **Expressão poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002. 150p.

\_\_\_\_\_. **Pacto**. Rio de Janeiro: Olímpica, 1977, p. 65

\_\_\_\_\_.Retomada: **Revista FESPI**: Ilhéus, ano II, n 3, jan/jun, p.8,1984,

\_\_\_\_\_.**Ser e evolução**, Ilhéus, FESPI,1973. p. 18

\_\_\_\_\_. Acervo Inédito.(manuscritos e datiloscritos) s.d.